

## CONVITE PARA PUBLICAÇÃO

### REVISTA ALEGRAR

#### **Educações, paisagens e artes em alianças multiespécies: Contando estórias de um mundo em ruínas**

Editoras do dossiê: Marcos Allan da Silva Linhares, Keyme Gomes Lourenço, Tamiris Vaz - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Fonte: Sobreposição feita pelos/as editores/as do dossiê a partir de suas criações, 2024.

Chegou a hora de fazer valer novas formas de contar estórias verdadeiras, que vão além dos primeiros princípios civilizatórios. Sem o Homem e a Natureza, todas as criaturas podem voltar à vida, e homens e mulheres podem se expressar sem as restrições de uma racionalidade concebida de modo paroquial. Não mais relegadas a sussurros durante a noite, tais estórias podem ser simultaneamente verdadeiras e fabulosas. De que outra forma poderíamos explicar o fato de que ainda existe vida nessa bagunça que fizemos? (Tsing, 2022, p. 29)

Em um mundo em ruínas, praticar-escrever-contar estórias de fins de mundo pode ser linha de fuga capaz de criar refúgios, para cocriarmos e encontrarmos maneiras outras de habitar as brechas nas ruínas. E é no fim de mundo que ervas forjam espaços para se proliferar.

Ouvimos estórias em casa, nas ruas, nas escolas, nos bares, nas paisagens. Contamos estórias nos becos, nas florestas, no mundo, com os seres humanos e não-humanos. Contamos

coletivamente estórias com as plantas, com os cogumelos, com os animais, com os seres que (co)existem nesse mundo conosco, compondo com essas narrativas paisagens multiespécies.

Essas estórias circulam, sobrevoam, resistem, se renovam e constantemente nos dão forças para sobrevivermos neste mundo em ruínas. Se uma profusão de estórias conturbadas é a melhor maneira de contar sobre a diversidade contaminada, então é momento de tornar essa profusão parte de nossas práticas de conhecimento, como afirma a antropóloga Anna Tsing. Estórias que contam de nós, dos outros, do mundo, das vidas, dos contratos, das mudanças, das fases, das metamorfoses. Estórias como prática de pensamento, em aliança com as educações, com as artes, com os seres e com o mundo sempre em simbiose. Estórias que vão sendo fertilizadas em companhia de autores e autoras como Anna Tsing, Donna Haraway, Vinciane Despret, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Emanuele Coccia e tantos outros pensadores que contam estórias COM os seres, humanos e não-humanos e nos inspiram a também contarmos e percebermos as nossas. Como se inspirar em sons antes nunca assoalhados para narrar estórias para além dos humanos? Que tipos de estórias de não-humanos as narrativas possíveis de serem criadas permitem que conheçamos e nos ajuda a compreender os mundos?

Percebemos que, com a criação de narrativas, podemos reaprender algumas das artes de contar estórias, para contar coisas que precisamos ou desejamos saber. Contar algumas estórias sobre o que está acontecendo no mundo, dentro do mundo, estórias que estão produzindo mundos e desfazendo outros. É o momento da possibilidade de contar estórias sobre seres cujo nomes você se lembra ou alguém lembra... e um animal, e uma planta, e um fungo, os ventos e as chuvas que produzem encontros.

A criação de narrativas-estórias para pesquisas surge para enlouquecer os possíveis. É para assumir o paradoxo no discurso sobre o Antropoceno que se baseia em soluções propostas pelos mesmos humanos que criaram o problema em primeiro lugar. Criar diferentes bases têm ajudado a tornar visíveis as narrativas menores submersas em narrativas maiores. Revelando estórias alternativas que foram silenciadas pela narrativa maestral.

Através dessas camadas que vão se formando entre as estórias de paisagens, de educações, de artes, de experimentações e de ruínas podemos pensar em uma variedade de escalas, de latitudes e longitudes, de narrativas e anti-narrativas em tempos-outros distantes e em eventos atuais. São essas nossas alianças e apostas para trazer as educações e paisagens e artes em alianças multiespécies e suas composições para des-sufocar existências no Antropoceno.

Por isso, convidamos a todos e todas a contarem as suas estórias: estórias de mundo, estórias multiespécies, estórias em aliança com as artes, as educações, as paisagens e toda a comunidade simbiótica que nos cerca e faz companhia de vida conosco nesse lugar. Estórias engavetadas, estórias endereçadas, estórias de revolta. Estórias breves, ensaios, poesias, contos, artigos, imagens, cartas, aquelas escritas nos guardanapos ou nos pedaços soltos de papel. Estórias que desejem ser passagem de vida, estórias que mundifiquem mundos. Estórias que contem estórias.

As proposições devem estar adequadas às normas para publicação da *Alegrar* e enviadas à comissão editorial, por meio eletrônico para [alegrar@uol.com.br](mailto:alegrar@uol.com.br) até 28 de fevereiro de 2025.

As proposições selecionadas serão publicadas a partir de julho de 2025. Normas de publicação da revista: <https://alegrar.com.br/colab/>

### **Referências:**

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo**: e outras narrativas de antecipação. Tradução: Milena P. Duchiate. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parente no Chthuluceno. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**. Tradução: Jorge Menna Barreto. São Paulo: N-1 Edições, 2022.